



FORUM MUNICIPAL LUÍSA TODI - SETÚBAL, SEGUNDA-FEIRA, 5 DE JANEIRO, DE 2026 - 21H00



A preocupação maior de Cody Jarrett (James Cagney), é não desiludir a mãe, que coloca nele todas as esperanças e ambições. Ele tem de atingir “o topo do mundo”. Esta ambição é característica de muitas sociedades, mas é particularmente lembrada em muitos filmes norte-americanos, o que faz dela uma frase emblemática de um país que, mais do que se preocupar com o sucesso, vive obcecado pela ganância. Querer o “topo do mundo” pode ser uma pretensão legítima quando esse topo é uma perfeição continuada, mas também pode ser a perdição de qualquer um. Cody Jarrett, um gangster que vive do roubo e mostra algum sadismo na forma como assassina friamente quem se lhe cruza no caminho, tem associado a si uma quadrilha que comanda. Acabará por atingir um “top of the world”, é certo, ele próprio o grita, numa das declarações mais célebres de toda a história do cinema, mas o seu topo do mundo vai revelar-se uma vitória trágica e altamente explosiva. “Made it, Ma! Top of the world!” (“Eu consegui, mãe! Estou no topo do mundo!”). Esta frase acaba por encerrar as duas obsessões deste homem atravessado por uma certa loucura, que tinha na mãe e no sucesso as suas aspirações maiores.

“White Heat” é um dos mais significativos filmes de gangsters (e do filme negro) da história do género. Em 2008, o American Film Institute, através de uma sondagem, indicou aqueles que foram considerados os dez melhores filmes em cada género clássico e “White Heat” ficou num muito honroso quarto lugar (1). A citação “Made it, Ma! Top of the world!” ficou classificada em décimo oitavo lugar num total de 100 melhores citações na lista organizada pela mesma instituição (2).

Segundo alguns estudiosos, a personagem de Cody Jarrett pode ter sido inspirada em Francis Crowley, um assassino de Nova Iorque que lutou com a polícia na primavera de 1931, apenas com dezanove anos de idade. Executado em 21 de Janeiro de 1932, as suas últimas palavras foram: “Envio o meu amor para a minha mãe (“Send my love to my mother.”). Outra inspiração pode ter sido Arthur Barker, um gangster dos anos de 1930, filho da celeberrima Ma Barker. Também o assalto ao comboio que surge no início do filme se julga baseado no roubo do Southern Pacific’s “Gold Special”, perpetrado pelos irmãos D’Autremont, em 1923. Sejam ou não autênticas estas influências, a verdade é que a sinceridade e a autenticidade de personagens e situações deste filme de Raoul Walsh são evidentes e uma das características que tornam a obra um marco decisivo, não só no género “filme de gangsters” ou do “filme negro”, como em toda a história do cinema.

O argumento de Ivan Goff e Ben Roberts, partindo de uma história de Virginia Kellogg é magnífico, inteligente, adulto, jogando habilmente com elementos da psicanálise que por essa altura andava tanto pelos ares de Hollywood (“Fúria Sanguinária” foi nomeado para o Oscar de Melhor Argumento.). As relações de Cody Jarrett com a mãe, com as mulheres, com os membros do gang, a sua obsessão com o triunfo, a relação com as armas e o poder que elas transmitem, tudo isso é dado de forma subtil, mas eficaz. Os confrontos constantes do nevrótico Cody Jarrett com Verna Jarrett, sua mulher (Virginia Mayo), com o pérfido Big Ed Somers (Steve Cochran), com o traçoeiro Hank Fallon (Edmond O’Brien), só encontram lenitivo na estranha e obviamente patológica aproximação da mãe Jarrett (Margaret Wycherly). Mesmo quando sente alguma

simpatia por um dos membros do seu gang, este revela-se afinal um infiltrado. Cody Jarrett nunca deixa de ser um solitário, um acochado, um desintegrado, herdando do pai uma loucura que o perturba dramaticamente com dores de cabeça.

A interpretação de James Cagney, num dos mais conseguidos trabalhos da sua vasta carreira (há quem assegure que é a sua melhor criação de sempre!), é simplesmente genial, oscilando entre o nervosismo e o patológico, entre a violência e uma certa forma de ternura, sempre numa zona que ronda a loucura e por vezes nela se abate.

Muito curiosa é a dúbia relação de Caddy com a possessiva mãe, em oposição à relação que estabelece com Verna, a mulher que, como quase sempre entre os gangsters, é exibida como trofeu de caça e símbolo do poder (logo, quando Cody é preso ela transita para Big Ed Somers, que assume a chefia do gang e conquista a mulher). Este é um dos elementos mais interessantes da iconografia do “filme negro”: a mulher como “femme fatal” que manipula e é manipulada, que funciona como elemento decorativo e erótico para simples desfrute, que vive obcecada pelo dinheiro e que evolui ao sabor do dinheiro, do poder.

Outro elemento a sublinhar é o lado quase documental como por vezes o filme se apresenta, testemunhando aspectos da actividade da polícia, como uma perseguição acompanhada num mapa, no interior de um gabinete, onde se vão cruzando informações.

A fotografia de Sidney Hickox é igualmente um elemento a referir, num preto e branco que serve notavelmente o tom e o estilo da obra, bem assim como a partitura musical de Max Steiner. Raoul Walsh, um cineasta que como poucos dominava o filme de acção e violência, tanto física como psicológica, tem também aqui um dos seus pontos altos. O “filme de gangsters” e o “filme negro” (aqui com limites que se interpenetram) sempre foi uma área onde se movimentou com segurança, demonstrando um talento invulgar para dominar os conflitos, deixar explodir a violência, mas controlando os seus efeitos de forma rigorosa, criando personagens com uma rara densidade psicológica e física, criminosos tocados pela redenção e agentes da lei por vezes corruptos, impondo um universo de uma complexidade emocional difícil de igualar. Títulos como “Heróis Esquecidos”, “Vidas Nocturnas”, “O Último Refúgio”, “Discórdia”, “Sem Consciência” (que surge assinado por Breton Windust) e este “Fúria Sanguinária” mostram bem o génio de Walsh, descontando inúmeras outras obras no campo do western, do filme de guerra e mesmo no domínio da comédia.



(1) A lista dos 10 mais ficou assim estabelecida: 1. The Godfather; 2. Goodfellas; 3. The Godfather Part II; 4. White Heat; 5. Bonnie And Clyde; 6. Scarface: The Shame Of A Nation; 7. Pulp Fiction; 8. The Public Enemy; 9. Little Caesar; 10. Scarface.

(2) As 20 frases mais célebres de toda a história do cinema, segundo o inquérito do American Film Institute são: 1. “Frankly, my dear, I don't give a damn”. (Gone With the Wind, 1939); 2. “I'm gonna make him an offer he can't refuse”. (The Godfather, 1972); 3. “You don't understand! I coulda had class. I coulda been a contender. I could've been somebody, instead of a bum, which is what I am”. (On the Waterfront, 1954); 4. “Toto, I've a feeling we're not in Kansas anymore”. (The Wizard of Oz, 1939); 5. “Here's looking at you, kid”. (Casablanca, 1942); 6. “Go ahead, make my day”. (Sudden Impact, 1983); 7. “All right, Mr. DeMille, I'm ready for my close-up”. (Sunset Blvd., 1950); 8. “May the Force be with you”. (Star Wars, 1977); 9. “Fasten your seatbelts. It's going to be a bumpy night”. (All About Eve, 1950); 10. “You talking to me?” (Taxi Driver, 1976); 11. “What we've got here is failure to communicate”. (Cool Hand Luke, 1967); 12. “I love the smell of napalm in the morning”. (Apocalypse Now, 1979); 13. “Love means never having to say you're sorry”. (Love Story, 1970); 14. “The stuff that dreams are made of”. (The Maltese Falcon, 1941); 15. “E.T. phone home”. (E.T. the Extra-Terrestrial, 1982); 16. “They call me Mister Tibbs!” (In the Heat of The Night, 1967); 17. “Rosebud”. (Citizen Kane, 1941); 18. “Made it, Ma! Top of the world!” (White Heat, 1949); 19. “I'm as mad as hell, and I'm not going to take this anymore!” (Network, 1976); 20. “Louis, I think this is the beginning of a beautiful friendship”. (Casablanca, 1942).

Lauro António





FÚRIA SANGUINÁRIA

Título original: White Heat

Realização: Raoul Walsh (EUA, 1949); Argumento: Ivan Goff, Ben Roberts, segundo história de Virginia Kellogg; Produção: Louis F. Edelman; Música: Max Steiner; Fotografia (p/b): Sidney Hickox; Montagem: Owen Marks; Direção artística: Edward Carrere; Decoração: Fred M. MacLean; Maquilhagem: Perc Westmore, Edwin Allen, Gertrude Wheeler; Assistentes de realização: Russell Saunders; Som: Leslie G. Hewitt; Efeitos especiais: Roy Davidson, Hans F. Koenekamp; Companhia de produção: A Warner Bros.-First National Picture;

Com: James Cagney (Cody Jarrett), Virginia Mayo (Verna Jarrett), Edmond O'Brien (Hank Fallon / Vic Pardo), Margaret Wycherly (Ma Jarrett), Steve Cochran (Big Ed Somers), John Archer (Philip Evans), Wally Cassell (Cotton Valletti), Fred Clark (Trader Winston), Joel Allen, Claudia Barrett, Ray Bennett, Marshall Bradford, Chet Brandenburg, John Butler, Robert Carson, Bill Cartledge, Bill Clark, Leo Cleary, Fred Coby, Tom Coleman, G. Pat Collins, Bing Conley, Garrett Craig, Herschel Daugherty, Fern Eggen, Charles Ferguson, Art Foster, Eddie Foster, Robert Foulk, Paul Guilfoyle, Perry Ivins, Mickey Knox, Harry Lauter, DeForrest Lawrence, Nolan Leary, Murray Leonard, Ian MacDonald, John McGuire, Sid Melton, Ray Montgomery, Mike Morelli, Robert Osterloh, Milton Parsons, Ford Rainey, Grandon Rhodes, George Spaulding, George Taylor, Ralph Volkie, Jack Worth, etc.

Duração: 114 minutos; Distribuição em Portugal: Warner Bros; Classificação etária: M/ 12 anos; Data de estreia em Portugal: 9 de Novembro de 1950.

FORUM MUNICIPAL LUÍSA TODI-SETÚBAL | SEGUNDA-FEIRA, 12 DE JANEIRO DE 2026

Masterclass “Polícias e Ladrões- O Cinema à Lei da Bala”, 21H00 (entrada livre)

“À BEIRA DO ABISMO”, de Howard Hawks (1946)